

# SLAM DAS MINAS – BAHIA: A PERFORMANCE POÉTICA DE CORPOS DE RESISTÊNCIA

SLAM DAS MINAS – BAHIA: THE POETIC PERFORMANCE OF RESISTANCE BODIES

Natielly de Jesus Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os estudos sobre o corpo na contemporaneidade envolvendo as relações entre corpo-memória, corpo-político, vêm suscitando algumas reflexões acerca da percepção sobre corpos dissidentes no âmbito individual e coletivo. Nesse trabalho é realizado um recorte para gênero e raça, para analisar como as performances poéticas do *Slampoetry* (SMITH, 1980) na atualidade, caminham na perspectiva de luta e resistência dos corpos de mulheres afrodiáspóricas. Para isto, apresentamos o *Slam* das Minas-BA e observamos a partir da performance poética “Será que vive?” (2016) da *Slammer* Carol Cerqueira, discutindo sobre a reconstrução e transformação da corporalidade por meio da memória e das vivências cotidianas. Autoras como Roberta Estrela D’alva, Grada Kilomba, Vilma Piedade, Conceição Evaristo e Leda Maria Martins, são utilizadas como referência para este trabalho. O empoderamento de corpos de mulheres negras cis e trans, a partir do *Slam*, denunciando o racismo, a homofobia, o machismo, dentre outras opressões na sociedade patriarcal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Slam poetry; Slam das Minas Bahia; Corpo-memória; Mulheres negras; Performance poética.

**ABSTRACT:** Contemporary studies on the body involving the relations between body-memory, body-politics, have raised some reflections about the perception of dissident bodies at the individual and collective levels. In this work, a cut is made for gender and race, to analyze how the poetic performances of *Slam poetry* (SMITH, 1980) today, walk in the perspective of struggle and resistance of the bodies of afrodiasporic women. For this, we present the *Slam* from Minas-BA and observe from the poetic performance “Sera que vive?” (2016) by *Slammer* Carol Cerqueira, discussing the reconstruction and transformation of corporeality through memory and everyday experiences. Authors such as Roberta Estrela D’alva, Grada Kilomba, Vilma Piedade, Conceição Evaristo and Leda Maria Martins are used as a reference for this work. The empowerment of the bodies of cis and trans black women, based on Slam, denouncing racism, homophobia, machismo, among other oppressions in patriarchal society.

<sup>1</sup> Mestra em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia – Brasil. Doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia – Brasil E-mail: [santosnatielly.ufba@gmail.com](mailto:santosnatielly.ufba@gmail.com).

**KEYWORDS:** Slam poetry; Slam das Minas Bahia; Memory-body; Black women; Poetic performance.

## 1 INTRODUÇÃO

A diáspora forçada africana colonial marca historicamente o processo de violência e apagamento identitário, étnico e epistemológico sofrido pelos negros que foram escravizados, e conseqüentemente, repercute nas gerações negras ao longo dos anos, por meio da memória psíquica e física que compõem os corpos afrodiaspóricos. Sobre isso, a escritora, artista e psicóloga Grada Kilomba (2019, p. 207) afirma que,

O choque terrível da separação e a dor violenta de se privar do elo com a comunidade, tanto dentro como fora do continente, são experiências de ruptura que transmitem a definição clássica de trauma. O desmembramento dos povos africanos simboliza um trauma colonial, pois trata-se de uma ocorrência que afetou tragicamente não apenas aquelas e aqueles que foram levadas/os para o exterior e escravizadas/os. Metaforicamente, o continente e seus povos foram desarticulados, divididos e fragmentados. É essa história de ruptura que une negras e negros em todo o mundo.

Apesar da ruptura apontada pela autora, há tentativas de rememorar e reconstruir os elos que foram perdidos neste processo, construindo, recuperando e/ou ressignificando símbolos identitários e culturais, histórias, saberes e práticas, sejam por meio da religião, dança, música e/ou da escrita. A escritora Conceição Evaristo (2007), utiliza o termo *Escrevivências* para expressar as escritas que carregam em si memórias, afetos e corporalidade das experiências cotidianas e antepassadas entre os afrodescendentes. Escritas que também se configuram como ato de resistência e autoafirmação:

[...] inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu

inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra (EVARISTO, 2007, p. 16-21).

A partir desse encontro entre escritas, corpos e memórias, buscamos práticas contemporâneas que representam o que chamamos de grupos de resistência e empoderamento da mulher negra (BERTH, 2019). Atualmente, percebemos que cada vez mais mulheres negras têm falado sobre si, têm expressado suas inquietações e vontades, ultrapassando as barreiras impostas pelo racismo e sexismo cotidianos. Recorrendo à música, literatura, dança e outras representações artísticas, estas mulheres constroem seu próprio caminho e reivindicam o seu espaço.

Neste trabalho, escolhemos o *Slam* das Minas – BA, como um dos principais exemplos de atividade cultural, que reúne corpos e vozes de mulheres, em sua maioria negras, que produzem performance poética. Propomos refletir sobre a corporalidade da mulher negra presente nessa atividade, mediante a observação da performance “Será que vive?” (2016) da *Slammer* Carol Cerqueira (Rool Cerqueira). Uma discussão sobre o corpo-memória como prática de resistência por meio das performances presentes nessa atividade artística.

## 2 O QUE É SLAM POETRY?

Antes de discutirmos sobre o *Slam* das Minas – BA, é necessário conhecer um pouco sobre o *Slam poetry*. Criado na década de 1980, pelo norte americano Marc Kelly Smith, o *Slam poetry* é uma atividade que consiste na apresentação de poesias autorais em caráter competitivo, a pesquisadora Roberta Estrela D’alva, precursora e principal representante do *Slam poetry* no Brasil, relata como ocorreu o início dessa atividade artística:

Foi no ano de 1986, no *Green Mill Jazz Club*, um bar situado na vizinhança de classe trabalhadora branca no norte de Chicago, nos Estados Unidos, que o operário da construção civil e poeta Mark Kelly Smith, juntamente com o grupo *Chicago Poetry Ensemble*, criou um “show-cabaré-poético-vaudevilliano” (Smith, Kraynak, 2009: 10) chamado *Uptown Poetry Slam*, considerado o primeiro *poetry slam*. Smith, em colaboração com outros artistas, organizava noites de performances poéticas, numa tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos. Foi nesse ambiente que o termo *poetry slam* foi cunhado, emprestando a terminologia “*slam*” dos torneios de beisebol e bridge, primeiramente para denominar as performances poéticas, e mais tarde as competições de poesia (D’ALVA, 2011, p. 119-126).

No Brasil, o *Slam poetry* começou sua trajetória em 2008, e desde então vem ganhando espaço considerável com o surgimento de novos artistas, grupos, eventos e admiradores. Uma das principais características do *Slam* é este espaço de livre expressão e encontro de ideias, vivências, identidades e culturas. Com o passar dos anos, essa atividade obteve influência do movimento *Hip hop*, tornando-se um espaço de denúncia à violência, desigualdade social e racismo (SANTOS, 2018).

Na perspectiva da referência do *rap* (música), *break* (dança), grafite e outras linguagens artísticas, destacamos o surgimento do *Slam* das Minas, como um dos principais grupos de resistência e discussão de gênero, raça e sexualidade. Esse é o primeiro *Slam* direcionado ao gênero feminino, tendo a sua primeira edição realizada em 2015, na cidade de Brasília (DF). O *Slam* das Minas tornou-se um espaço importante para que mulheres cis e trans pudessem discutir sobre o machismo presente na sociedade patriarcal, homofobia, classes e raça, expondo suas feridas mais íntimas e também os seus algozes. Mas para além de discutir e refletir sobre esses e outros temas, a atividade tornou-se uma espécie de círculo de proteção e resistência entre mulheres.

Assim, o *Slam* das Minas DF, conquistou espaço significativo na performance poética nacional, despertando o interesse de outros grupos de mulheres em outros Estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, entre outros. A seguir, faremos um recorte para discutir sobre as características que representam o *Slam* das Minas BA (Salvador, Bahia).

### 3 O SLAM DAS MINAS – BA COMO MODO DE RESISTÊNCIA

O *Slam* das Minas – BA iniciou suas atividades em Salvador, idealizado pelas artistas Fabiana Lima, Ludmila Laísa, Jaqueline Nascimento e Dricca Silva. A primeira edição deste *Slam* ocorreu no bairro do Cabula, localizado na região periférica da capital baiana. Fabiana Lima, em entrevista a jornalista Jamile Menezes (2017), considera que o *Slam* das Minas – BA é uma forma de fortalecimento nas relações entre as mulheres. Segundo ela,

O primeiro *Slam* feminino da Bahia vem pra fortalecer esta cena. Há muito poucas mulheres disputando o *Slam* por aqui, então a ideia é movimentar, que elas se sintam confiantes vendo outras mulheres competindo. Não só a poesia, mas o *Slam* traz o fortalecimento das redes de mulheres, que também vão expor suas peças e artigos no dia do evento, além das cantoras da cena de Salvador. A ideia é nos fortalecer mesmo.

Até então, a cena soteropolitana contava com poucas mulheres participando de eventos destinados à apresentação de poesias, músicas e outras performances que envolvem o *Slam*. Possivelmente, por falta de incentivo para frequentar esses espaços majoritariamente masculinos, em que elas não se viam sendo representadas. Atualmente observamos que esta visão está se modificando com a entrada efetiva de mulheres nessas atividades, que questionam e reivindicam o seu lugar de fala dentro e fora desses espaços. Portanto, o *Slam* das Minas se configura como um espaço seguro para que mulheres discutam sobre temáticas diversas, tenham voz e liberdade de

expressão, visibilidade enquanto independentes, artistas e produtoras.

As mulheres que se apresentam no *Slam* das Minas – BA são em sua maioria mulheres negras oriundas da periferia, que utilizam esse espaço para compartilhar suas experiências e seus modos de resistência na sociedade racista em que estão inseridas. São mulheres que estão no topo dos índices de feminicídios, agressões e abusos (CERQUEIRA, 2017), que lutam diariamente por suas vidas. Assim, o corpo, a escrita, a voz, censurados e violados por séculos, desde o período de escravização, encontram na atualidade em práticas como o *Slam*, a possibilidade de mudança na linha traçada entre passado e presente.

O clima de competição, tão conhecido entre os *Slams*, torna-se um espaço em que mulheres, historicamente postas umas contra as outras, se reconheçam como irmãs, mães, filhas, amigas e não como oponentes. Ou seja, mesmo com a competição característica do *Slam*, ainda assim há entre a maioria das *slammers* o pensamento de que “uma mulher sobe e puxa a outra”, em um exercício de afetividade. Eventualmente essa atitude de irmandade, apoio, empatia entre mulheres é denominada sororidade. Entretanto, utilizaremos neste trabalho o conceito dororidade, criado pela autora Vilma Piedade (2017), para explicar a relação de afeto e união entre as mulheres negras. Segundo a autora, o termo feminista sororidade, que significa essa união entre mulheres, não contempla as mulheres negras:

A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor (PIEADADE, 2017, p. 17).

Por isso a necessidade em pensar em uma luta feminista que não exclua raça e classe de sua pauta, afinal, “enquanto mulheres usarem poder de classe e

de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo” (HOOKS, 2020, p. 36).

Além do espaço de encontro, denúncia e desabafo social, o *Slam* das Minas –BA, proporciona a interseccionalidade entre grupos de negros, indígenas, LGBTQI, com discussões sobre preconceito racial, desigualdades sociais, diversidade de gênero e sexualidade. Nesse *Slam* o público frequentador é bem diverso, contando também com presenças masculinas. Esse aspecto demonstra a importância de diálogo entre outros gêneros, estabelecendo alianças em busca da transformação social e cultural, respeitando o lugar de fala coletiva e individual.

A maioria dos eventos do *Slam* das Minas – BA são realizados em praças públicas e outros espaços urbanos, que possibilitem maior abertura e participação das pessoas de cada comunidade. Geralmente, além das performances poéticas, são realizadas outras atividades como discotecagem, e vendas de artigos produzidos por artistas locais como livros, adesivos, roupas e produtos de beleza. Desse modo, além do espaço de expressão e valorização do trabalho dos artistas envolvidos, também há o fortalecimento da rede empreendedora e econômica, fundamental para subverter a precariedade material a que está submetida a maioria da população negra brasileira.

#### 4 CORPO, MEMÓRIA E POESIA

Os estudos sobre o corpo na contemporaneidade expandem as noções sobre seu papel e sua estrutura para além das funções biológicas. Diversas áreas como artes, antropologia, ciências sociais, vêm atuando nas discussões sobre corpo e política, corpo e cultura, corpo e memória, dentre outras categorias. O antropólogo Alex Ratts (2007) partindo da trajetória de vida e estudos da autora Beatriz Nascimento, faz a seguinte observação:

As mulheres e os homens africanos viveram uma travessia de separação da ‘terra de origem’, a África. Nas Américas, passaram por outros deslocamentos como a fuga para os quilombos e a migração do campo para a cidade ou para os grandes centros urbanos. Para Beatriz Nascimento, o principal documento dessas travessias, forçadas ou não, é o corpo. Não somente o corpo como aparência – cor da pele, textura do cabelo, feições do rosto – pelas quais negras e negros são identificados e discriminados (RATTS, 2007, p. 68).

O corpo é um documento atravessado pela memória, torna-se espaço visível de mobilização e resistência entre os deslocamentos, entre as experiências transitórias e duradouras da diáspora. É necessário considerar o corpo nas suas outras formas de realização, como por exemplo, na escrita e na voz. A partir da reflexão de que corpo, escrita e leitura interagem de forma direta, a autora Leda Maria Martins desenvolve o termo “oralitura”, que segundo ela,

O termo oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significante e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na velocidade (MARTINS, 2000, p. 84).

Martins (2003, p. 78) afirma que “Nas culturas predominantemente orais e gestuais, como as africanas e as indígenas, por exemplo, o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance.” A afirmação da autora revela algo que observamos nas performances do *Slam* das Minas – BA. O corpo da *slammer* ao performar sua poesia se torna o próprio ato poético, escrevendo seu texto – a rima, o gesto e o olhar – em seu corpo, que exhibe marcas de experiências vividas e por vezes lembradas. É um corpo-memória que armazena movimentos e palavras, inscritos, com o passar do tempo, de geração em geração e que estão em constante processo de transformação. Cecília Floresta (2019) remetendo à

ancestralidade e às religiões de matriz africana, elabora a seguinte reflexão:

A ação performática dos *slams* evoca a força ancestral de Xangô, orixá que fala com o corpo inteiro, senhor da palavra e do discurso. E as *slammers*, tal qual o deus iorubá, falam com o corpo todo em suas performances: uma vez que as opressões ocorrem a partir do controle e submissão dos corpos, as *slammers* se apoderam da palavra e de atos corporais criativos, a fim de negar a condição subalternizada na qual são sistematicamente colocadas (FLORESTA, 2019).

É possível afirmar que quando uma mulher negra ergue sua voz ou sua mão na performance do *Slam*, está trazendo todo um percurso anterior a esta ação final. Antes que seu corpo do presente emitisse esse som e/ou se movesse para compartilhar a sua poesia, outras/os ergueram suas vozes e corpos em outros contextos, mas no mesmo sentido da resistência, da luta. Historicamente, mulheres e homens negros foram silenciados por meio da utilização de máscaras de metal que cobriam suas bocas, no período escravista:

Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhassem nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura (KILOMBA, 2019, p. 33).

Ao ressignificarmos para os dias atuais, essas práticas escravistas que desde o princípio tinham a finalidade de dominar, controlar corpos negros, hoje apresentam semelhanças com as constantes repressões policiais, a violência doméstica, a dificuldade de acesso aos espaços institucionais e de ascensão social. Nessa perspectiva, o *Slam* das Minas – BA constitui um espaço de aquilombamento,<sup>2</sup> ou seja, um espaço composto majoritariamente por pessoas

---

<sup>2</sup>Aqui, fazemos referência ao termo “Quilombismo” desenvolvido pelo autor Abdias do Nascimento (1980), em que ele elabora proposta sócio-política para o Brasil pautada na

negras que se unem para lutar contras as políticas de opressão, por meio da poesia, utilizando o corpo como principal arma de informação e resistência, resgatando outros corpos encarcerados e/ou silenciados socialmente.

A partir disso, escolhemos a performance da *Slammer* Carol Cerqueira (Rool Cerqueira), intitulada “Será que vive?” (2016), para exemplificar a relação entre o corpo e a poesia que se inscreve nele. A observação tem como referência, a apresentação da performance da artista na final da competição do Slam das Minas – BA (2019), em que foi vencedora.<sup>3</sup> Na poesia, Rool Cerqueira relata a história de uma mulher que sofre violência doméstica e pede socorro por telefone. Optamos em manter a estrutura de alguns trechos da poesia conforme a apresentação oral da *Slammer*, para não prejudicar a compreensão de aspectos como a rima, os termos coloquiais e as gírias, que são características dessa performance poética.

Durante a performance, a *Slammer* se põe como observadora da história que narra por meio da poesia “Eu ouvia suas lágrimas desesperadas/ Eu ouvia! Ela apanhava” e em alguns momentos também se apresenta como a mulher – personagem – que está sendo agredida “Socorro! O meu marido tá batendo em mim, ele vai me matar!”. Essas nuances são marcadas pelas intenções vocais utilizadas pela *Slammer* que sugerem sensações como medo, inquietação, desespero, que diferenciam esses dois momentos citados. Além do recurso vocal, os gestos corporais têm destaque nesse duplo enfoque. Assim, essa corporalidade da *Slammer* exprime pelos gestos, movimentos, ritmos e sons uma crescente narrativa de sensações como revolta e desespero.

O olhar penetrante para o público, composto em sua maioria por outras mulheres, e a voz por vezes embargada e incisiva, constituem parte desse corpo que performa. Na performance, o corpo da *Slammer* não se coloca antes ou

---

multietnicidade e pluralidade cultural, nas experiências quilombolas comunitárias, democráticas, opostas ao modelo colonial.

<sup>3</sup>Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=8YfB\\_zCjyT4](https://www.youtube.com/watch?v=8YfB_zCjyT4)>.

depois da poesia, pois um está ligado ao outro sendo indissociável porque agem em completude. É um corpo que relata, que constrói a narrativa e que tem autonomia para contar sua própria história e de outrem. Rool Cerqueira performa do individual para o coletivo, ou seja, apesar de ser uma mulher negra com suas subjetividades e individualidade, este corpo torna-se porta voz, denuncia as mesmas opressões sofridas por outras mulheres negras. Como afirma Conceição Evaristo (2011), remetendo às suas escrituras, “Essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas.”

Devemos destacar o momento em que a *Slammer* faz questionamentos ao público “Até quando nós levaremos essas marcas? / Até quando seremos como Dona Geralda? / Até quando vocês usarão da vantagem física, pra tocar uma rosa e despedaçá-la? / Me respondam! Até quando?” Rool curva seu corpo em um gesto que exige a resposta do público, mas o silêncio é que o ecoa no espaço. E de repente, como para aliviar a tensão construída durante todo o momento na performance, o silêncio é rompido por um riso curto e estridente da *Slammer* que diz “Até quando eu te mostrar/ Que no dia que o caçador se levantar/ Fará como Joyce Fonseca/ Esquarteja por legítima defesa”. Na última frase, Rool faz um gesto com a mão que remete ao ato de amolar faca, cortar em pedaços, traduzindo visualmente o esquartejamento a que se refere. A ação tem comunicação direta com o público que no momento se manifesta por meio de gritos e aplausos, pois, o corpo da *Slammer* também se torna gatilho impulsionando a reflexão e ação de outros corpos presentes, sem a utilização de recursos cênicos como adereços, figurino, ou microfone para amplificar a voz, apenas a potência do corpo a corpo, da “voz não mediatizada” (ZUMTHOR, 2007). A seguir algumas imagens em que podemos identificar algumas nuances visuais da performance:



**Figura 1:** Performance “Será que vive?”, por Rool Cerqueira

**Fonte:** (ROOL..., 2019).

A autoria no *Slam* das Minas - BA também é algo a ser destacado, afinal nas competições de *Slam* as poesias devem ser criadas pelas próprias *Slammers*

com duração de 2 a 3 minutos. Isso nos faz observar que a performance de cada *Slammer* é única não apenas pelas palavras ditas, mas como elas são ditas, como o corpo age nesta relação com o espaço e o tempo. O corpo de cada *Slammer* tem seu próprio ritmo e movimento, tem sua própria relação com o espaço no qual a performance acontece. Não podemos deixar de ressaltar que é o corpo da mulher negra ocupando o espaço público, desafiando o sistema patriarcal e racista que impõe barreiras e padrões cotidianamente. Rool, em entrevista a Cecília Floresta (2019), afirma que

O Slam das Minas representa a libertação das vozes das ruas. É uma perfeita estratégia de subversão e enfrentamento das opressões sofridas pelas minorias, uma forma de sermos ouvidas e nos tornarmos representativas(os) para as(os) nossas(os) através da arte e da literatura, como um grande palco que mostra que produzimos literatura preta, favelada e de qualidade, que é umas das esperanças do meu povo sair da base.

Essa representatividade mencionada por Rool, se traduz durante as performances do *Slam* das Minas – BA, nos oportuniza a percepção acerca desta corporalidade que atua em comunidade, como corpos afrodiaspóricos dentro de suas multiplicidades buscam a sua ancestralidade por meio da poesia, música, dança, e como se conectam na atualidade enfrentando as opressões estruturadas pelo racismo cotidiano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi observado nesse trabalho, é notável que o *Slam* das Minas-BA tem se tornado uma atividade cada vez mais importante na construção de corpos e epistemologias decoloniais e de reconhecimento ancestral, cultural e identitário. A performance poética que utiliza o corpo como principal ferramenta mobilizadora de resistência.

Mulheres negras cis e trans ocupando os espaços públicos, falando sobre

si, sobre seus antepassados, sobre a vida e os enfrentamentos cotidianos, na luta contra o racismo, sexismo e qualquer outro tipo de opressão. São corpos de resistência que inspiram novas gerações e por meio da performance poética registram essa memória que está sendo construída e reconstruída, em uma constante transformação.

É um espaço para pensar a periferia e suas produções artísticas em um movimento de empoderamento de mulheres (cis e trans) e homens (cis e trans) negros, restabelecendo o elo desses corpos em diáspora que encontram entre si um ponto de reconhecimento identitário, de força e sabedoria ancestral.

Um dos principais pontos que chamam atenção ao *Slam* das Minas – BA é a possibilidade do encontro, do corpo a corpo entre *slammer* e plateia. Há acolhimento entre as pessoas que estão presentes que se manifestam em olhares atentos às performances, em gritos, em palavras de ordem, entre outras formas de comunicação. A capacidade das *Slammers* em lidar com o inesperado, mesmo quando a poesia já foi escrita e gravada anteriormente, ainda assim, os corpos estão disponíveis ao momento.

Referências baianas como Rool Cerqueira, Pollyanna Menezes (Suja), Fabiana Lima (Negafya), Amanda Rosa, Ludmila Singa, incentivam outras mulheres negras por meio de suas práticas artísticas, dando maior visibilidade às produções no Estado da Bahia e no cenário nacional, incluindo participação em eventos importantes no país como o *Slam* BR.<sup>4</sup> Essas *Slammers* são multiartistas, pois além do *Slam*, desenvolvem seus trabalhos em outras linguagens como *grafitti*, *rap*, teatro, entre outros, e divulgam suas atividades por meio das redes sociais.

As discussões sobre corpo-político, corpo-memória, gera reflexões acerca do papel do corpo no individual e coletivo em espaços acadêmicos e não

---

<sup>4</sup>Evento de Slam produzido por Roberta Estrela D'alva, precursora da modalidade aqui no Brasil.

acadêmicos. Conclui-se que o *Slam* das Minas – BA, constitui entre as comunidades de Salvador e outras cidades da Bahia, um espaço para a construção prática do modo de resistência de mulheres (cis e trans) e homens (cis e trans) afrodiaspóricos.

### REFERÊNCIAS

- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- CARVALHO, Elen. Slams movimentam as periferias de Salvador (BA). *Brasil de fato*, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/12/27/slams-movimentam-as-periferias-de-salvador-ba>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- D’ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena. *Synergies Brèsil*, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011.
- EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- FLORES, Rafael. Slam das minas Bahia: poesia negra, periférica e feminina. *Revista Gambiarra*, [Vitória da Conquista], 2017. Disponível em: <http://revistagambiarra.com.br/site/slam-das-minas-bahia-poesia-negra-periferica-e-feminina/>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- FLORESTA, Cecília. Slam das minas: performance como ato de resistência. *C&América Latina*, Berlim, 2019. Disponível em: <http://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/performance-resistencia>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. de Ana Luiza Libânio. 10. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MARTINS, Leda. Oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). *Brasil afrobrasileiro*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo lugar da memória. *Língua e Literatura: Limites e fronteiras*, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003.
- MENEZES, Jamile. Fabiana Lima: a poetiza, periférica e feminista à frente do Slam das minas. *Portal Soteropreta*, Salvador, 2017. Disponível em:

<http://portalsoteropreta.com.br/fabiana-lima-poetiza-periferica-e-feminista-frente-do-slam-das-minas/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

ROOL Cerqueira - Campeã do Slam das Minas - BA 2019. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (2 min e 12 seg). Publicado pelo perfil Rool Cerqueira. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8YfB\\_zCjyT4&t=10s](https://www.youtube.com/watch?v=8YfB_zCjyT4&t=10s). Acesso em: 9 jul. 2020.

SANTOS, Natielly. O Slam do corpo e a representação da poesia surda. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, v. 18, n. 2, p. 1-10, 2018.

'SLAM das Minas' reúne mulheres em competição de poesia. *Correio Braziliense*, Brasília, 2016. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/13/interna\\_diversao\\_arte.552957/slam-das-minas-reune-mulheres-em-competicao-de-poesia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/13/interna_diversao_arte.552957/slam-das-minas-reune-mulheres-em-competicao-de-poesia.shtml). Acesso em: 12 jun. 2020.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Recebido em 17/07/2020.

Aceito em 11/11/2020.